

**PELOS OLHOS DA MEMÓRIA: UMA ABORDAGEM SOBRE A ESCRITA DA MEMÓRIA EM O OUTRO PÉ DA SEREIA E BOM DIA CAMARADAS.**

Valéria Aparecida de Souza MACHADO<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo propor uma reflexão acerca do papel da memória na construção de identidades, procurando abordar a forma como a História e a Literatura têm considerado a memória. A partir da análise das obras *O outro pé da sereia*, de Mia Couto e *Bom dia camaradas*, de Ondjaki, procurou-se estabelecer as estratégias literárias utilizadas na escrita da memória – como elemento essencial na construção de identidades – no âmbito da literatura como mediadora entre memória e escrita.

**Palavras-chave:** Memória. História. Identidade. Escrita. Literatura.

A que parte da alma pertence a memória?  
É evidente que a esta parte, da qual brota  
também a imaginação. (Aristóteles)

Os debates acerca da memória atravessaram várias gerações de pesquisadores, historiadores e literatos, envolvendo discussões amplas e também divergentes. Atualmente, a grande maioria dos estudiosos que se debruçam sobre o tema concorda que a memória não é um processo parcial e limitado da lembrança de fatos passados. Antes, ela é a construção de referências importantes sobre o passado e o presente de grupos sociais que, ainda que fundamentados em tradições e relações ancestrais, estão intimamente ligados a mudanças sociais e culturais da modernidade.

Construída a partir de subjetividades, a memória não produz, por isso, verdades únicas e absolutas. Faz-se coerente, não com tudo e com todos os momentos, mas com aquele momento em que determinado fato é lembrado. Ou, como em Guimarães Rosa, “remembrado”, já que a ativação da memória pressupõe mais que o simples ato de lembrar: ela une o que se desmembrou pela possibilidade de revisitar vivências e construir novos significados. Por isso mesmo, a memória difere da História que narra o acontecimento como se morto ele já estivesse.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa. Departamento de Letras. Programa de Pós-graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/MG. Belo Horizonte/MG/Brasil. Endereço eletrônico: [mariasouzaval@yahoo.com.br](mailto:mariasouzaval@yahoo.com.br)

Maurice Halbwachs sugere que “há tantas memórias quanto há grupos, e que a memória é por natureza múltipla e no entanto específica; coletiva, plural, e no entanto individual”(HALLBWACHS apud NORA, 1984, p.3). Compartilhando essa idéia, Pierre Nora relaciona a memória à vida, pontuando que a memória verdadeira é aquela “que se refugiou em gestos e hábitos, em habilidades passadas adiante através de insuspeitadas tradições, no auto-conhecimento inerente do corpo, em reflexos não-estudados e em memórias arraigadas.” (NORA, 1984, p. 8). Desse modo, a memória se faz um elemento essencial na construção da identidade, tanto individual quanto coletiva, já que constituída por pessoas, lugares, acontecimentos vividos individualmente ou pelo e no grupo ao qual o indivíduo pertence.

Nessa perspectiva, percebemos que a construção de identidades ancora-se tanto no passado quanto no presente, um jamais substituindo o outro, haja vista que as relações que se estabeleceram entre os indivíduos no passado vão servir de base para as relações presentes e para as que virão. É, pois, a partir do confronto com o outro que cada sujeito vai construindo sua identidade: uma construção em devir.

Ainda segundo Pierre Nora:

[...] a memória, por ser afetiva e mágica, abriga apenas aqueles fatos que nela se encaixam; ela nutre lembranças que podem estar desfocadas, aumentadas, que podem ser gerais ou detalhistas, particulares ou simbólicas – de acordo com a conveniência de cada caminho ou de cada cenário; de acordo com cada censura ou projeção. (NORA, 1984, p. 03).

Considerando a memória sob essa ótica, NORA aponta uma preocupação em torno da possibilidade de seu desaparecimento, suscitada pela pressão das profundas transformações pelas quais passam as sociedades modernas, o que implicaria em mudanças de valores, de condutas e de relações entre os indivíduos e os grupos.

Com o processo de globalização, uma das grandes preocupações das classes dominantes é a de se tornarem “senhoras” da memória, ditando aos indivíduos o que deve ou não ser lembrado, de acordo com conveniências políticas e ideológicas. Ora, se a memória é mutável e vulnerável a manipulações e apropriações – como sugerido por NORA – essa tarefa passa a ser não muito difícil, tendo em vista o desmantelamento de tradições, de vivências e de laços com o passado proporcionado pelo volume de informações, novidades e induções a que nos levam os meios de comunicação de massa. A crescente globalização dos

acontecimentos tira o indivíduo dos grupos originários, situando-o num espaço global e trazendo para ele a necessidade de (re)construir um marco de identificação pessoal e coletiva, já que percebe sua identidade em crise.

Esse movimento acelerado de democratização e valorização da cultura de massa causou rupturas consideráveis entre os indivíduos e suas histórias pessoais e coletivas, suas origens e tradições. Tais rupturas trouxeram, como aponta NORA, “uma percepção geral de que tudo e qualquer coisa pode desaparecer” (NORA, 1984, p.1), levando a um outro movimento desenfreado na busca por restos, pedaços, eventos que possam ser registrados e conservados a qualquer custo, sob pena de não se tornarem fugazes como os eventos atuais.

Hugo Achugar, parecendo seguir a mesma preocupação de Pierre Nora, afirma que “um tempo de mudança que, ao nos incluir, ao nos integrar de um modo pleno no processo de mutação civilizatória, impede-nos de saber com certeza para aonde vamos, qual é a direção que vamos tomar.” (ACHUGAR, 2006, p.154). Para ACHUGAR, o processo de globalização trouxe uma certa tensão entre homogeneidade e heterogeneidade: de um lado, o discurso da modernidade – que se quer homogeneizador – é um “discurso constitutivo de nossa nacionalidade e de muitos outros processos nacionais” (ACHUGAR, 2006, p.155) e, de outro, o discurso da resistência – relacionado à heterogeneidade – defende a diversidade e a multiplicidade como forma de resistir ao projeto homogeneizante da globalização. Assim, o autor aponta para um desafio que temos pela frente: a necessidade de reformulação da nação e do “nós,” a partir dessa diversidade. Nesse sentido, o desafio implica em narrar a nação através de uma narrativa que represente o direito ao lembrar e ao esquecer, levando-se em conta que a nação é “representada em múltiplos cenários” e “constituída por múltiplos sujeitos pertencentes a múltiplos discursos”. (ACHUGAR, 2006, p.156). Por causa mesmo dessa multiplicidade, a narrativa da nação deve se apoiar no diálogo e na negociação com seus sujeitos, num espaço onde não há imposições e onde a história de um não silencie a de tantos outros.

A memória é, portanto, uma prática social experimentada, vivenciada por indivíduos de um grupo, onde só vai contar aquele que sabe, que tem o relato, a história, e não aquele que simplesmente quer contar. Quem opera o lembrar, o silenciar e o esquecer são os próprios indivíduos ou o grupo do qual eles fazem parte, desde que estabelecidos o diálogo e a negociação.

Com a aceleração da modernidade a História, incumbida de seguir os rastros da memória, tentou, desesperadamente, re-apresentar um passado, reconstruir uma memória. Para isso ergueu monumentos, museus e produziu arquivos sem levar em conta a verdadeira história que havia por trás de cada um deles: histórias que envolvem marcas e experiências individuais e coletivas. Da mesma forma, tentou-se a escrita de uma memória nacional através de discursos puramente nacionalistas, o que resultou em esquecer ou encobrir outras histórias e outras memórias. Na verdade, todos esses esforços acabaram deixando lacunas e incompletudes que não dão conta de dizer sobre a memória.

Por tudo isso, a negociação do lembrar e do esquecer vai ao encontro do verdadeiro sentido dos lugares de memória proposto por Pierre Nora, para quem estes são “lugares onde a memória se cristaliza e se esconde”, lugares que só existem porque “não há mais ambientes de memória, contextos reais da memória.” (NORA, 1984, p. 1). Na mesma linha, Hugo Achugar sugere que o esquecimento, para não ser traumático, não pode ser imposto, e sim, escolhido; e que o esquecimento escolhido não é o simples esquecimento, mas o “enterro e a conseqüente edificação do monumento.” (ACHUGAR, 2006, p.164) Isso significa fixar, no tempo e no espaço, um fato que passou para que não seja esquecido nem silenciado, mas que permita seguir adiante sem o peso que impeça a construção de um futuro.

Parece-nos possível, então, estabelecer que os lugares de memória são lugares onde esta pode ser inscrita sem o peso da imposição, para servirem a um sentido maior na (re)construção de identidades, já que contextos reais da memória não podem mais ser experimentados.

Para Pierre Nora, “os lugares de memória são simples e ambíguos, naturais e artificiais, de uma só vez disponíveis à experiência sensual concreta e suscetíveis à mais abstrata elaboração”. (NORA, 1984, p.15). Esses lugares, portanto, serão verdadeiramente de memória quando a imaginação puder agir sobre eles, atribuindo-lhes um valor simbólico. E porque são lugares de memória são, como ela, “mistos, híbridos, mutantes, unidos intimamente à morte e à vida, ao tempo e à eternidade; emaranhados no coletivo e no individual, no sagrado e no profano, no imutável e no móvel.” (NORA, 1984, p. 16).

Entretanto, o que se percebe no mundo atual é, como foi apontado pelo autor, uma tremenda corrida da História em busca de um passado e de uma memória pelo receio de que possam desaparecer. Com isto, mesmo as tentativas de manter arquivos e erguer monumentos,

muitas vezes ocorrem desprendidas do verdadeiro sentido dos lugares de memória correndo, por isso mesmo, o risco de se tornarem frustradas.

Diante disso, cabe um questionamento: estão esgotadas as possibilidades de se presentificar a memória? Estão perdidos os valiosos significados que ela opera no presente e o fará também no futuro? Talvez a resposta esteja no grande palco onde a escrita da memória pode fluir sem as amarras da História: a literatura. Enquanto domínio discursivo, ela pode dar conta da função da memória à medida que tensiona a narratividade, já que da literatura não se exige prova de verdade.

No trânsito possibilitado pela literatura, o ato de lembrar (ou de esquecer) vai ser articulado pela linguagem que é, decisivamente, o instrumento socializador da memória. Aí, a memória pode deslizar, surgir, esconder-se, vir contaminada pelo desejo, pela imaginação, num eterno movimento de (re)construção. A literatura é, pois, um mundo no qual a memória pode viajar e iniciar o seu ciclo de liberdade.

A análise que pretende este trabalho está relacionada justamente com o modo como a literatura pode dar conta de uma escrita da memória nas obras *O outro pé da sereia* e *Bom dia camaradas*, levando-se em consideração aspectos importantes da visão de mundo africana, como a ancestralidade e a valorização das tradições orais.

Vale ressaltar que essa escrita vai se dar na língua oficial (a língua do colonizador) e não nas línguas originárias, sendo que o movimento a ser gerenciado pela literatura será o de desconstruir e tensionar essa língua, possibilitando o trânsito entre texto escrito e recursos do oral. Tudo isso no intuito de não se perder a ambiência proporcionada pelo ato de contar e as experiências buscadas nas relações ancestrais, ambas produtoras de sentidos múltiplos. Citando Ondjaki<sup>2</sup>, “depois de Língua conquistadora, a Língua conquistada virou raiz reprodutora -...embrião e simultânea gravidez. E é sabido pelos mais-velhos que uma Língua grávida pode parir culturas, cores novas e contornos imprevistos em pessoas humanas.”

Ainda, considerando que a memória está vinculada ao relato de vivências e que essas passam pelo tempo e por ele vão sendo reconstruídas, qualquer escrita da memória vai estar permeada por traços de recriação e imaginação. Dessa forma, os dois autores, embora tenham projetos literários diferentes, vão trabalhar a ficcionalização da história, elegendo a literatura

---

<sup>2</sup> Comunicação lida por Ondjaki na Conferência “A Língua Portuguesa: Presente e Futuro”. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, dezembro de 2004.

como o lugar privilegiado para a preservação da memória e, por isso, lugar onde as coisas são construídas.

Em *O outro pé da sereia*, as duas histórias – que parecem correr independentes uma da outra – na verdade vão sendo ligadas por questões étnicas, políticas e religiosas, de modo sutil e sensível pelo tecido textual. Essa ligação pode ser percebida a partir de dois elementos: o rio e a imagem da santa. O rio, sem margem, conecta os dois lugares e as duas histórias, ainda que ocorridas em tempos e espaços distintos.

Em seu percurso, o rio liga os dois mundos na medida em que, através do mesmo objeto (símbolo) – a imagem da santa – estes encontram seu ponto de interseção, principalmente no aspecto da ancestralidade e da tradição. A imagem da santa simboliza, tanto para os escravos da nau portuguesa quanto para os habitantes de Vila Longe, o lugar do sagrado, as origens ancestrais advindas do mito da deusa Kianda. Deusa do mar, Kianda era um ser dotado de componentes humanos e divinos, cuja origem vem da região do rio Kwanza que, avançando em direção ao oceano, banhava a cidade de Luanda. Ligada à mitologia das águas, a deusa habitava, segundo a tradição, os rios, as nascentes, os lagos e os oceanos. Representava a fecundidade feminina, o espírito das águas e era uma entidade reguladora das águas, dos peixes, das marés e da pesca. De acordo com a tradição das comunidades quimbundas, a Kianda era fonte de vida, revitalização e conhecimento, além de ser um elo entre o imaginário popular e a ordem cósmica. Na tradição moçambicana ela ganha outro nome – Nzuzu – apesar de tratar-se da mesma entidade.

A imagem, símbolo da nau portuguesa e que esteve na embarcação durante toda a viagem no ano de 1560, percorre a história de Mwadia na Moçambique de 2002. Tendo tido um dos pés arrancados pelo escravo Nsundi, a imagem também é encontrada por Mwadia sem o mesmo pé. Ao arrancá-lo, o escravo pretendia mostrar que a tradição não poderia ficar presa no tempo e no espaço, mas transitar pelas gerações futuras. Mesmo com a tentativa de refazer o pé da santa, como forma de silenciar a história dessa tradição, os portugueses não conseguiram fazê-la calar. A tradição acompanhou as gerações, ligando passado, presente e futuro.

O rio e o pé são metáforas da memória e também da escrita. O pé, além de fragmento, é totalidade que liga as duas travessias, circulando por espaços geográficos, temporais e textuais. O rio, assim como a memória e a escrita, segue seu percurso, seu movimento, sua trajetória, unindo pessoas, grupos e mundos; reconstruindo histórias.

Em *O outro pé da sereia* percebemos um discurso que é duplo – assim como são duas as histórias – na medida em que a narrativa realiza um entrecruzamento entre o discurso literário e o histórico. A narrativa passeia por contextos históricos, políticos e sociais que remetem a uma história oficial da colonização portuguesa: “O propósito da viagem é realizar a primeira incursão católica na corte do Império do Monomotapa... Por fim, África inteira emergiria das trevas e os africanos caminhariam iluminados pela luz cristã.” (COUTO, 2006, p. 51), e do término da guerra civil: “[...] Qualquer coisa desmoronou na alma de Mwadia quando entrou no recinto da igreja. O edifício estava em ruínas. Não havia telhado, janelas, portas. Restavam paredes sujas.” (COUTO, 2006, p.96). Entretanto, os fatos históricos ganham o tom sutil e lírico da ficcionalização, deixando entrever que quando a história é bem trabalhada pela linguagem literária, a memória consegue se presentificar.

A narrativa transita entre gêneros e subgêneros: temos narrativa de viagem, de histórias de vida, de lugares. Esse trânsito narrativo nos remete mais uma vez à memória que, em todo o texto, transita por lugares, pessoas, espaços e tempos.

As tradições orais são privilegiadas como fonte de resgate e de preservação da memória. Importa ressaltar que um dos aspectos importantes da contação é a ambiência, que promove a troca e o intercâmbio e possibilita, à memória, fluir de um tempo a outro, de um lugar a outro. Ao serem criadas, inventadas, as histórias transitam por espaços e tempos, metaforizando o trânsito do rio e da memória.

Dessa forma, a barbearia em Vila Longe significava não só um lugar de encontros, mas de contação de histórias, de casos criados e inventados onde a memória ia e vinha, num movimento ativado por lembranças, pedaços, semelhanças: “[...] Só depois se soube: a barbearia é um lugar em que se reduz o cabelo e crescem as línguas. É um bazar de conversas, um mercado de mexericos. [...]” (COUTO, 2006, p.183).

Também Constança Malunga, mesmo sendo analfabeta, inventava histórias para as filhas ou recontava histórias de seus antepassados, dizendo que “lia na areia”. Na verdade, ela lia o que lhe estava escrito na memória, na sua identidade, conforme constata Mwadia: “[...] Nesse outro tempo, o seu livro era o chão imenso, por aí fora. Quem lhe virava as páginas eram as estações do ano.” (COUTO, 2006, p.239).

A escrita, em *O outro pé da sereia*, parece tensionar e desconstruir a língua oficial, possibilitando às personagens brincar com essa língua, recriá-la jogando com a criatividade: “[...] Esse Matambira **dá ponte sem nó**. [...]” (p. 223); “[...] E como se diz: **antes à tarde do**

**que nunca.** [...]” (p. 222); “[...] – Mana Mina, esta carta está tão cheia de erros... Sim, **erros desortográficos.** [...]” (p. 224) (grifos meus). Essa desconstrução também pode ser lida em relação ao canônico: ela impede que o significado seja fixado deixando-o em processo de refazimento, a exemplo mesmo do que ocorre com a memória.

Outra forma de presentificar a memória se dá por meio do resgate de costumes e rituais vividos por determinado grupo. Nas duas narrativas de *O Outro Pé da Sereia*, a memória é constantemente revisitada através dessas manifestações que têm o poder de manter vivo o calor das tradições e as marcas da ancestralidade. Durante a viagem da embarcação portuguesa, os escravos praticavam rituais de reza, dança e canto. O escravo Nimi Nsundi carregava consigo um saco com areia de sua terra natal e cumpria, diariamente, o ritual de espalhar essa areia pelo corpo para não se esquecer de sua origem. A tradição dizia que, cumprindo esse ritual, a pessoa que estivesse fora de sua pátria um dia a ela retornaria: “[...] Quem não levasse consigo, numa bolsa de couro, uns torrões de sua terra natal corria o risco de se perder para sempre.” (COUTO, 2006, p.109).

Também na tradição dos Malunga havia o ritual de “pillar o milho”: com o movimento de bater o pau no pilão alcançava-se um ritmo que era sentido e expressado pelo corpo, como se este estivesse a dançar. Era como se essa ‘dança’ promovesse o retorno ao útero materno, avivando a memória da origem da vida:

Foi Mwadia quem começou a socar o milho. Depois foi a vez de Constança levantar o msundi e deixa-lo tombar provocando um som cavo no ventre da madeira. A brasileira esperou pelo seu turno, com num jogo de infância. Demoraram a acertar até descobrirem o compasso e a alternância das batidas [...] Depois de um tempo Rosie entendeu: aquele era um modo de dançar [...]. (COUTO, 2006, p.173).

Outro aspecto importante é a forma como a relação entre história (oficial) e memória é abordada. Na análise da narrativa e retomando as considerações de Pierre Nora colocadas no início, é possível concordar com o historiador no que se refere à impossibilidade da história em escrever a memória. Num diálogo entre Dia Kumari e Nsundi, a indiana conta ao escravo que em sua terra natal os livros em língua nativa foram queimados pelos portugueses:

- Antes de Dona Filipa me ensinar português eu já lia os nossos livros, na nossa língua, esses livros que os portugueses queimaram...  
- Isso não é verdade.

- Esses seus amigos queimaram os nossos livros, eles queriam queimar era a nossa língua. (COUTO, 2006, p.112).

Apesar da destruição dos livros, ficou na memória de Dia Kumari o registro de tudo que ela conheceu e vivenciou na língua que era sua, de seu povo. Parece, aí, que o objetivo dessa ação era apagar a cultura e a tradição do povo de Dia. Mas, na medida em que ela conseguiu manter aceso tudo o que lhe foi transmitido pelas gerações anteriores, a queima dos livros não impediu a que ela reavivasse suas experiências através da memória.

Por outro lado, é interessante perceber que o historiador Benjamin Southman retorna à África, ávido por escrever a história do povo de Vila Longe. No entanto, por não ter experimentado tradições e costumes, isto é, sem a memória de um passado que não era seu, restou-lhe abandonar a Vila, já que sua história – desvinculada daquele lugar – não pode dizer ou fazer reviver esse passado: “[...] Southman tomou o caminho do rio, aventurando-se por anônimos atalhos. Seguiu guiado apenas por um vago apelo, uma espécie de memória que ele sabia mais inventada do que real [...]” (COUTO, 2006, p.287).

Percebemos, ainda, em *O Outro Pé da Sereia*, o retorno à infância como resgate da memória. Revisitar a infância já com olhos de adulto faz pulsar na memória o entendimento sobre quem somos e de onde viemos: pessoas, lugares e acontecimentos que marcaram nosso estar no mundo. Isso nos possibilita viver um presente mais tranquilo e construir um futuro melhor. A ‘viagem’ que Mwadia faz é, assim, um regresso à infância:

[...]- *Agora, venha*, disse a mãe. *Venha que eu vou lavá-la...*

As mãos da mãe fizeram escorrer a água pelo corpo nu de Mwadia. A moça sorriu da situação [...] Fechou os olhos, embriagada, como se alma estivesse sendo dissolvida [...] Deixou-se levar para o quarto e a mãe esfregou-a numa toalha velha. Tudo parecia perfeito, Mwadia era de novo menina e os beirais se enchiam de asas e cantos. (COUTO, 2006, p.74-75).

Assim como uma canoa – que é o significado de seu nome –, Mwadia ligava os mundos (passado e presente) através do rio que era a sua memória. Revivendo costumes, tradições, trazendo à tona acontecimentos, buscando nas raízes de sua origem a sua identidade, ela resolvia traumas, achava respostas, conhecia-se mais e melhor, o que se confirma nas palavras do narrador quando diz que “[...] a viagem termina quando encerramos as nossas fronteiras interiores. Regressamos a nós, não a um lugar.” (COUTO, 2006, p.329).

Tendo regressado da viagem, Mwadia pode enxergar a possibilidade de existência de uma ‘terceira margem do rio’; um lugar no qual, resolvido o passado e tranqüilizado o presente, ela poderia dar continuidade à (re)construção de sua identidade, que é sempre uma construção em devir:

[...] O passado apodrecia sob os seus pés, juntando-se ao estrume da terra...  
A mulher olhou a noite, inspirou fundo, como se o que estivesse à sua frente fosse um nascer de novo e dirigiu-se para a casa que luzia [...] Ainda hesitou, à saída do quintal, como se escolhesse entre que ausentes ela deveria viver. Só depois tomou o caminho do rio. (COUTO, 2006, p.331).

De acordo com o que preceitua Pierre Nora sobre os “lugares de memória”, podemos dizer que alguns lugares de memória podem ser identificados no texto de Mia Couto como lugares onde a memória é realmente presentificada. Ao se estabelecer uma interação com esses lugares, a rememoração produz múltiplos significados. Exemplos disto são: a parede dos ausentes onde eram postas as fotografias dos parentes já mortos para que a memória dos antepassados não fosse perdida; a igreja, como lugar do sagrado; a barbearia, local de encontros políticos e amigáveis, como também de momentos de contação; o cemitério, como lugar do culto aos mortos.

Já em *Bom Dia Camaradas*, Ondjaki privilegia a escrita da memória sob a perspectiva da infância, o que torna o texto suave e profundamente lírico, num discurso muito próximo à simplicidade e inocência pueris. Essa voz infantil tem um ritmo próprio de contar que arrasta docemente (e ironicamente) o leitor para a verdade dos fatos trazidos pela memória, ainda que eles estejam contaminados pelas invenções ou pela imaginação do menino-narrador.

A narrativa se move no sentido de (re)construção de um lugar que deixa entrever a identidade de um país – Angola. Identidade que não se quer perdida diante das transformações políticas e sociais ocorridas após o processo de independência.

No relato de uma memória recente, que transita na ambiência de uma época bem próxima à independência de Angola, os fatos históricos, políticos e sociais são abrandados por essa voz infantil que busca um sentido maior por trás deles: um fio de esperança, por menor que seja, na reconstrução de uma outra vida, sem que se percam traços herdados das culturas antepassadas. Numa postura aparentemente inocente, percebe-se a presença de uma voz (autoral) que suscita críticas e questiona a sociedade atual, desconstruindo um discurso de

enaltecimento da nação. Essa estratégia narrativa é mais visível nos diálogos diretos que o menino mantém com o camarada António e com a tia:

- Mas camarada António, tu não preferes que o país seja assim livre?...

- Menino, no tempo do branco isto não era assim...

Depois, sorria. E mesmo queria entender aquele sorriso. Tinha ouvido histórias incríveis de maus tratos, de más condições de vida, pagamentos injustos, e tudo mais. Mas o camarada António gostava dessa frase dele a favor dos portugueses, e sorria assim tipo mistério. (ONDJAKI, 2006, p.17).

- Tia, não percebo uma coisa...

- Diz, filho.

- Como é que tu trouxeste tantas prendas? O teu cartão dá para isso tudo?

- Mas qual cartão? – ela fingia que não estava a perceber.

- O cartão de abastecimento. Tu tens um cartão de abastecimento, não é? – eu a pensar que ela ia dizer a verdade.

- Não tenho nenhum cartão de abastecimento, em Portugal fazemos compras sem cartão.

[...]

- Sem cartão? E como é que controlam as pessoas? Como é que controlam, por exemplo, o peixe que tu levas? ( ONDJAKI, 2006, p.49-50).

Assim como em *O Outro Pé da Sereia*, percebe-se que a narrativa, em *Bom Dia Camaradas*, também promove um movimento de tensão e desconstrução da língua oficial através da realização de adaptações e do trânsito pelos ambientes da oralidade e da língua nativa com seus vocábulos e grafias próprios, como por exemplo: levantámos; matabichar; cuia; che kingue; poça; bué.

As tradições orais são retomadas de forma bastante expressiva através da contação em *Bom Dia Camaradas*. As histórias contadas ancoram-se na memória do passado e vêm recriadas com o toque da imaginação. A força da palavra na tradição oral africana significa uma aprendizagem maior que não é a de falar, mas a de ouvir. O ouvido funciona como um órgão de gestação onde o que é ouvido vai sendo gestado até se obter um sentido mais pleno:

Mas, Camarada António, tu não preferes que o país seja assim livre?, eu gostava de fazer essa pergunta quando entrava na cozinha. Abria a geladeira, tirava a garrafa de água [...] Servia-me, bebia um golo, dois, e ficava à espera da resposta dele [...] (ONDJAKI, 2006, p. 17).

A preocupação em valorizar a contação oral faz com que as histórias contadas nunca se fechem. De uma narrativa surgem outras e, a cada aparição, novos fatos são acrescentados,

ficando aquele que conta e aqueles que ouvem contaminados pelo encantamento e pelo sonho. Na verdade, é um movimento metalinguístico em que a escrita pensa a escrita; a escrita se constrói no seu próprio fazer, através das várias narrativas que são construídas, emendadas e reinventadas. Exemplo disso é a história do ‘Caixão Vazio’ que, na perspectiva de cada personagem, sofre alterações e é recriada surgindo, daí, outras tantas narrativas:

[...] - Zuá é brincadeira ao pé do Caixão Vazio[...] Olha, eles vêm num caminhão, todos vestidos de preto, cercam a escola e ficam mesmo à espera que os alunos saiam [...] Depois vão apanhando assim mesmo as pessoas a correr... quem for apanhado [...] (ONDJAKI, 2006, p. 31).

[...] eu lembrei-me que tinha de ir telefonar para alguém a contar o mujimbo do Caixão Vazio. Claro que já estava a pensar em dizer que eram praí uns noventa ou cem, que tinham trazido três camiões cheios de caixões, e que nem todos os caixões estavam vazios, e até que eu achava que era nesses caixões que eles punham os miúdos que desapareciam. (ONDJAKI, 2006, p. 50).

Outro aspecto a se ressaltar é a marca da presença cubana em Angola, tida como importante contribuição na construção da identidade de um país que começava a se reerguer para uma nova realidade e sobre a qual não se tinha certeza alguma. Nota-se, nesse relacionamento, o desejo de preservação de uma memória coletiva valorizada pelos sentimentos bons e os costumes prazerosos que uniram os cubanos aos angolanos:

Na minha cabeça chegou uma mistura de frases: um brinde à partida de tantos cubanos, um brinde ao fim do contacto com os camaradas cubanos, um brinde ao fim dessa colaboração de amizade daquele povo com o nosso [...] (ONDJAKI, 2006, p. 114).

A memória dos cubanos ocupa lugar importante na narrativa que se preocupou, até mesmo, em reproduzir a escrita castelhana em todas as passagens que marcavam a fala dos companheiros cubanos: “[...] todo depende de los hombres, de sus corazones, de la firmeza com que luchan por sus ideales, de la simplicidad que pongan en sus acciones, del respeto que sientan por los compañeros [...]” (ONDJAKI, 2006, p.108).

As figuras e os fatos narrados parecem corresponder à extensão de um ano letivo, provavelmente o ano que marcou o início das transformações ocorridas em Angola e que anunciavam uma nova realidade. A sequência de fatos na narrativa sofre um corte, uma ruptura, parecendo representar, aí, a transição para uma outra fase, porém desconhecida. Essa

incerteza é entrevista nas preocupações apontadas pelo menino-narrador quanto ao destino do país e aos caminhos que cada um iria seguir, a exemplo dos colegas e dos professores cubanos:

- Já ouviste dizer que os cubanos vão embora?
- Parece já ouvi, menino.
- Tudo vai começar a mudar, camarada António [...] (ONDJAKI, 2006, p. 119).

Na minha cabeça chegou uma mistura de frases: um brinde à partida tantos cubanos, um brinde ao fim dessa colaboração de amizade daquele povo com o nosso [...] um brinde também ao fim do ano lectivo, um brinde, já agora, à partida do Bruno, um brinde ao facto de não sabermos quem fica na turma para o ano que vem [...] um brinde ao futuro de Angola neste novo rumo, um brinde ao Homem do amanhã [...] um brinde ao Progresso! (ONDJAKI, 2006, p. 114-115).

Interessante, também, é notar o resgate da memória através dos sentidos, dos cheiros e das sensações. Os sentidos estão nas bordas de todo processo de aquisição da memória. Ao ser revisitada, a memória vai trazer o que foi mais marcante para a emoção; os eventos para os quais a atenção foi mais focalizada ou, ainda, aquilo que foi sentido de modo mais forte. José Moura Gonçalves Filho salienta que “[...] a memória expõe, no contraponto, a amabilidade e a brandura ante os sabores, os aromas, as cores, as sonoridades, as formas essenciais de uma cultura [...]” (FILHO, 2006, p.96). Em *Bom Dia Camaradas*, as manifestações sensoriais são fortemente exploradas, resgatando os momentos que mais marcaram e influenciaram as personagens. Antes de ser saboreada de fato, o gosto da comida podia ser sentido através dos cheiros que ela exalava:

Senti o cheiro da comida vir da outra sala, era peixe grelhado de certeza absoluta [...] (ONDJAKI, 2006, p. 64).

[...] sentia o cheiro do pão torrado, o cheiro da manteiga a derreter nele [...] (ONDJAKI, 2006, p.79).

[...] e a mãe da Ro, que é muito atenta, trouxe dois pires com compota de morango, um para cada um dos camaradas professores. Era ver aquelas caras, olhavam para o doce a rir, comiam uma colherada, ficavam a chupar o doce na boca, demorava, olhavam um para o outro [...] (ONDJAKI, 2006, p. 110).

As sensações olfativas também revelam o cuidado pessoal com o corpo, assim como podiam indicar a hora do dia:

[...] e raramente tomavam banho, isso deveria ser verdade porque se notava pelo cheiro, tanto que ninguém gostava de sentar com eles. (ONDJAKI, 2006, p. 32).

O tipo de cheiro muitas vezes também me dizia que horas eram [...] (ONDJAKI, 2006, p. 39).

Através das sensações auditivas podia-se saber sobre uma pessoa, como ela era, imaginar-lhe a fisionomia:

A Paula também era outra pessoa que tinha uma voz doce, eu gostava muito de ouvir a voz dela na Rádio, mas assustei-me na primeira vez que lhe vi, porque pensei que uma pessoa com a voz dela tinha que ser baixinha, e ela era alta. (ONDJAKI, 2006, p.26).

Ainda que viajando em rios diferentes, Mia Couto e Ondjaki conseguiram passear e nos fazer passear pelo jardim flutuante da memória, através de escritas líricas, sensíveis, mas que guardam um arrojado projeto alteritário e de re(construção) de mundos, de posturas, de identidades. Como bem disse Mia Couto<sup>3</sup>, “[...] a escrita é a viagem, a história da viagem e, nessa viagem, descobre-se que o mundo tem outras dimensões.”

O trânsito da linguagem, da escrita e da memória nas duas obras vem mostrar que somos sujeitos de muitas fronteiras; que nossa história nunca se fecha porque a cada (re)visita aos domínios da memória somos marcados por novas experiências que nos revelam novos significados. Essa é a beleza da linguagem: quando ela é, na literatura, a personagem mais importante; aquela que nos leva a fugir à regra, a viajar por outros reinos, criar um outro lugar, um lugar de todos os lugares, assim como a entende Ondjaki<sup>4</sup>:

[...] Nesse refluxo musical vindo de outras margens, há uma coloração que no tempo se espalha devolvendo à língua uma faceta adequada para enfrentar futuros. À mistura estão as pessoas – que são as margens da cultura, e os

---

<sup>3</sup> Palestra proferida por Mia Couto na Universidade Federal de Minas Gerais, em agosto de 2007.

<sup>4</sup> Comunicação lida por Ondjaki na Conferência “A Língua Portuguesa: Presente e Futuro”. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, dezembro de 2004.

destinos da língua revistos por aqueles que a manejam como utensílio cotidiano. Que esta linguagem seja, pois, ferramenta e prazer, veículo seguro mas maleável; que as gerações vindouras nela vejam molde aberto para memória e labor criativo. Porque bonitas são as línguas depois de manejadas e celebradas pelas pessoas.

**Through the eyes of memory: an approach about the writing of memory in *O outro pé da sereia* and *Bom dia camaradas***

*Abstract: This text proposes a reflection about the role of memory in the building of identity. It also deals with the way History and Literature have considered memory. The analysis of the books, Mia's Couto *O outro pé da sereia* and Ondjaki's *Bom dia camaradas*, provides the basis for the identification of the literary strategies used in writing of memory – as long as an essential element in the building of identity – in the context of Literature when considered a mediator between memory and writing.*

**Keywords:** *Memory. History. Identity. Writing. Literature.*

**Referências**

ACHUGAR, Hugo. A nação entre o esquecimento e a memória: para uma narrativa democrática da nação. In: **Planetas Sem Boca – escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006, p.150-166.

CATROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Edita da Universidade/UFRS. 2001, p.43-69.

COUTO, Mia. **O Outro Pé da Sereia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FILHO, José Moura Gonçalves (org.). Olhar e Memória. In: NOVAES, Adauto. **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.95-124.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. Trad. Irene Ferreira et al. Campinas/SP: Editora Unicamp, 2003.

LEITE, Fábio. Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas. In: **África**, revista do Centro de Estudos Africanos, n. 18/19, 1995/1996.

NORA, Pierre.(org.). Entre a memória e a história. (Traduzido do original em francês publicado in: **Lês lieux de mémoire**, Vol. I (La Republique), Paris: Gallimard, 1984.

ONDJAKI. **Bom Dia Camaradas**. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

ONDJAKI. Outras margens da mesma língua. Comunicação lida na conferência **A Língua Portuguesa: Presente e Futuro**. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, dezembro de 2004.